

# DOL UIO OBRA



Alves Redol

nianos fez a demonstração pública da doutrinação que defende no seu manifesto «Esboço de Orientação ou o Início duma Prática de Teatro», fase abruptamente encerrada por motivos alheios à vontade dos seus dirigentes, vem agora estabelecer de novo contacto com o público.

Por aqui passaram Redondo Júnior, Rogério Paulo, Carlos Wallenstein, Ionesco, Marcel Marceau e Gino Saviotti.

Aqui se realizou, pela primeira vez em Portugal, um «Curso de Improvisação Mímica e Expressão Corporal», regido por Luis de Lima, formando-se actores que apresentaram um primeiro espectáculo — *Arlequim, Servidor de Dois Amos*, de Carlo Goldoni — preparado em bases sérias e coerentes com os princípios doutrinários que defendemos.

Aqui se realizaram colóquios-críticos sobre espectáculos e o primeiro ciclo de formação de espectadores que se promoveu (adquirindo bilhetes a baixos preços ou, em certos casos, fornecendo-os ao público gratuitamente), obteve êxito incontestável.

E, pois, dentro desta linha de pensamento que continuamos dispostos a trabalhar.

O propósito será realizar um novo curso prático de teatro, regido por um Mestre estrangeiro; espectáculos de fantoches para apresentar às crianças nos terreiros das escolas (para o que já está em funcionamento no GTM uma oficina de teatro de bonecos) e um segundo ciclo de formação de Espectadores, constituído por conferências e colóquios estruturados devidamente no sentido de se alcançar uma autêntica «Iniciação à teoria do teatro».

(Continua na página 14)

# PALAVRAS FINAIS

Por VERGÍLIO FERREIRA

«O escritor não considera de modo algum os seus trabalhos como um meio. Eles são fins em si.» (1)

amente, tenta a desvalorização pelo ridículo e sobretudo pela insinuação malévolada de um descrédito ideológico. Aliás, uma análise das obras e autores que Pinheiro defende e que Pinheiro ataca ou simplesmente omite, levar-nos-ia a conclusões particularmente elucidativas. Mas quanto a isso, fiquemos hoje por aqui. Há um escândalo que vai resistindo irritantemente a todos os assaltos e que é ao que parece, a aceitação absurda dos meus livros, quando só deviam evidentemente aceitar-se os de Pinheiro e de quem muito bem entende. E isto é que é duro de roer e é necessário urgentemente liquidar, de acordo com a cartilha do Torres e do seu espírito democrático.

Ora porque é talvez vantajoso trazer ao público o problema geral, para que dele se inteire e sobre ele decida — só por isso me dei ao trabalho de retomar a contenda. Seria excelente que os leitores responsáveis, sobretudo os artistas, ou seja aqueles para quem uma obra de arte é antes de mais uma obra de arte, e nestes sobretudo ainda os mais jovens, seria excelente, dizia, que eles viessem aqui depor sobre a irritante questão que poderia formular-se nestes termos: *acaso, para se ser progressista, é necessário ser-se neo-realista? A tal questão podia ainda anexar-se outra: é como arte que se prefere o neo-realismo, quando se prefere?*

Antes, porém, de eu próprio ter uma opinião, desejo frisar a Pinheiro Torres que foi muito hábil a sua tática de sugerir que eu fiquei foi zangado por não gabar a minha mercadoria. É de mestre. Toda a gente vai gozar, piscando o olho: ele queria era hsonianas, ele queria era a ovação. Sem dúvida, uma ovação de Torres garantia-me a posteridade. Porque a posteridade vai perguntar-se, evidentemente, a quem deu Torres salvo-conduto para a glória. Mas não, palavra de honra que não. Tenho muita pena, mas não pertença a esse núcleo de escritores que desde a juventude vêm abrindo carreira por entre palmas de vitória. Posso mesmo, para minha meditação, uma história triste de bordoada. Sem que pretenda comover Pinheiro Torres, quero dizer-lhe aqui entre nós que tenho apanhado muitas. E é mesmo por isso que se num momento de fraqueza lá acontece queixar-me, há logo um Torres ao lado para me dizer: pois é, querias a ovação. E que estes Torres julgam que podem já malhar-me por direito consuetudinário. E por isso que eles estranham, se uma vez por outra lá calha que eu perca a paciência. Não, não estava à espera de que Pinheiro me proporcione um encontro com a Glória. Que ideia! O que me passou pela cabeça foi que talvez não fosse uma exigência por aí além que um homem, por mais Pinheiro e Torres que seja, tenha um pouco de caridade para os de tamanho menor; e que um homem, que pretende

convencer-nos da sua honestidade, não fosse um mentiroso: «Aparição», afinal, é ou não um «grande livro», como me afirmou pessoalmente? Só isto. Mais nada. Palavra de honra. E será bonito que Pinheiro insinue coisas tenebrosas com uma habilidade sibiliana como essa do «irracionalismo burguês» que é uma coisa tão feia? Não vê ele que isso não se faz? Mas e a propósito: estará Torres convencido de que Abel Salazar é assim um pedestal muito cómodo para ele, Torres e Pinheiro, erguer o seu gesto de tribuno? E que não vejo como irá ele instalar-se em frases incomodativas como esta: A tese «arte humana» podemos considerá-la um pleonismo inútil. Ou seja: segundo o mestre de Torres, a minha arte também é humana. Que tal a heresia. Mas há mais: Abel Salazar teve a ousadia de escrever que «não se faz arte por decreto nazi, fascista ou comunista, como não se conseguiu outrora fazer arte por decreto católico». E esta? A não ser que Abel Salazar não tenha previsto que se podia fazer arte por decreto dele, Pinheiro. Mas há muito mais: segundo Abel Salazar, «a questão da «arte pela arte» e da «arte social», «arte humana» e quejandas [é] das coisas mais vazias e mais estereótipos que se tem sobre o assunto inventados». Como assim? Estéril e vazia toda a tagarelice de Torres? Então que estamos nós aqui a fazer? E quanto ao «mistério», que tantos engulhos causa ao discípulo, seria talvez bom também que ele voltasse a ler o mestre. Ou então que leia Mário Dionísio, a quem cita, e que diz qualquer coisa sobre o assunto na *Paleta* — que é um livro muito grande, sim, e que leva o seu tempo a ler. Ah, quem é que teria, por pirraça, atirado como o infeliz Pinheiro para estas andanças...

E que significa por fim todo este alarido? Vejamos se conseguimos entender.

Equívocamente ou com uma lógica segura, o neo-realismo foi a expressão estética de uma determinada orientação muito mais geral. Mas do exprimir tal orientação derivou precisamente a sua força e a sua fraqueza. A força vinha de ter aberto ao artista a dimensão dos seus problemas, a fraqueza, de ter acabado por fechar com isso a dimensão da arte. Sem dúvida, os melhores artistas procuraram salvar a obra de arte como sendo justamente de arte. Mas a finalidade objectiva que se pretendeu dar a tal obra — sobretudo da parte daquelas para quem a arte estritamente não interessava nada — criou graves problemas de consciência aos que não queriam ir para o inferno, e graves equívocos aos que queriam a todo o custo ir para o céu. Um dos equívocos para estes foi o de supor-se que a porta estava aberta a toda a mediocridade. Decerto, mediocres todas as correntes estéticas os têm. Mas o

(Continua na página 11)

dade de simpatia humana, a humildade honesta no trabalho, são de agradecer, numa época de egoísmo, de atropelos e prepotências. E foi uma ovação agradecida, prolongada e calorosa, ao homem do povo que soube conservar-se voz do povo e ao lado do povo, a que envolveu, no final Alves Redol.

N. da R. — Nos próximos colóquios literários estarão presentes os escritores José Cardoso Pires, Manuel Ferreira, Augusto da Costa Dias, Sophia de Melo Breynar Andersen, António Ramos Rosa, Rogério Fernandes e Orlando da Costa.

★

Também organizados pela Delegação do Norte da Sociedade Portuguesa de Escritores e pelo Grupo de Teatro Moderno dos Fenianos realizar-se-ão, próximo, alguns Colóquios, de Teatro, orientados por João Apolinário. A propósito da sua planificação escreveu o organizador: «Depois duma primeira fase de trabalhos em que o Grupo de Teatro Moderno dos Fe-

## Congresso de jornalistas em ITÁLIA

Em Maio próximo vai efectuar-se em Roma o III Congresso dos Jornalistas de Itália. Da Comissão Executiva fazem parte: Ascenzo Mazza, Secretário de Informação, Enzo Fiore, director do Gabinete de Comunicações, Mario Mastrolì, director da Associação dos Jornalistas de Roma, Carlo de Leva, presidente da União dos Profissionais da Imprensa, Vittorio Amedeo, director da Associação da Imprensa Periódica Meridional, Fernando Tambroni presidente da Unione Nazionale Cronisti, Rafael Chiara, director da Informazione

Mediterranea de Palermo, e os directores dos diários «Il Giornale» e «Il Paese» de Roma, «Il Faro» de Trepani, «Il Meglio» de Foglia, «Napoli Notte» e «Il Giorno» de Nápoles, «Gazetta Sera» de Turim, «Il Mattino» de Florença, «L'Italia» de Milão, e Angelo Maggì, que dissertará sobre «O Progresso Social e Democrático da Itália Meridional». Gino Rovida, presidente da Associação dos Jornalistas Latinos apresentará uma comunicação de Jorge Ramos: «Universalidade da Imprensa». Estão inscritos para apreciação e debate numerosos trabalhos de vários jornalistas, entre eles Albert Bruyn chefe de redacção de «Le Soir» e correspondente em Bruxelas de alguns diários italianos.



# TRÉPLICA DE VERGÍLIO FERREIRA:

(Continuação das págs. centrais)

que havia aqui de grave era a convicção exibida e encorajada de que ter «principios» são dava por força direito a ter-se saúde no resto. Ora, ser forte em catecismo não é sinal sequer de maioridade — e é decreto por isso que ele se ensina às crianças... Compreendemos assim o cómico-trágico de certas situações. Tal escritor tenta honestamente forçar o esquema consagrado da temática neo-realista, e ei-lo forçado a esfalfar-se para garantir aos amigos que se mantém ainda dentro da pureza de costumes. Porque o dizer-se de um escritor que ele *já não é neo-realista* é tremendo. Julga Torres que eu não sei? E tremendo. Dá mesmo terríveis possibilidades, sobretudo a esse inimigo radical que é o imbecil. Porque, saiba Pinheiro, a acusação sub-reptícia que está por baixo desta coisa inocente que é mau de estética, não vem normalmente do verdadeiro escritor, seja ou não neo-realista — ainda que um neo-realista apreciado por Pinheiro: ele sabe no sangue que coisa grave se decide aí numa obra de arte, ignorada pelos pata-ratas do catecismo como oficiais do mesmo ofício, sabemos quanto é duro o Calvário de todos nós. Mas que fazer? Somos irremediavelmente provincianos. Ora um dos sinais mais evidentes do provincianismo é ser-se *mais papista que o papa*: como não temos génio inventivo, vingamo-nos dessa desgraça com a defesa rígida dos «principios», para fingirmos com isso que realmente inventamos...

## EXPOSIÇÃO - MERCADO EM FLORENÇA

No Palácio Strozzi de Florença realiza-se este ano uma Exposição-mercado de arte contemporânea a partir de 23 de Março até 26 de Abril. As Galerias privadas italianas mais qualificadas, especializadas em arte moderna, já deram a sua adesão a esta iniciativa que se propõe, acima de tudo, propagar o conhecimento das correntes artísticas que se encontram numa fase de afirmação cada vez mais acentuada, junto de vastos sectores do público. Esta iniciativa, em seguida, visa a consolidar os custos, afim de que os preços das obras de arte, mais recentes, ainda que de artistas de grande renome, não sofram uma oscilação muito marcada. Paralelamente à Exposição - Mercado, de arte contemporânea, cujo local está marcado em Florença para despertar mais atenção o estrangeiro, realizar-se-á, no Palácio Strozzi, uma assembleia de críticos de arte e conferências sobre a arte contemporânea.

Por tudo isto — e muito mais — o neo-realismo que os cateiguistas patarrecas nos querem impor está morto. Mal ou bem, cumpriu a sua missão, mas está morto. E se de facto não morreu, vive apenas numa agonia que se prolonga, porque um certo condicionalismo se não modificou ainda. A sua influência fez-se sentir, sem dúvida, largamente. Mas creio que se esgotou. Ou porque julga Torres que não tem freguesia lá na tenda, e que os escritores neo-realistas, que querem honestamente fazer obra de arte, tentam superar os seus esquemas anteriores — com o risco que sabemos? Quais os escritores neo-realistas da nossa praga que ainda não apanharam com a acusação severa do director espiritual de que «isto já não é neo-realismo»? Devo dizer ao ilustre Torres que me é docemente indiferente ser ou não considerado «neo-realista» — porque já maduros para o admitirem. O que já lhe não consinto facilmente é a outra coisa subtil e astuta... É e mesmo por isso que estamos aqui a conversar. Ora bem: é sobretudo o escritor mediocre que não quer inovações. E como não? Ele tem o seu bife a defender e é talvez compreensível que, cotado, finja que não é isso que realmente defende. Corre-lhe tão bem a vida naquele belo ripanço... Naturalmente e, se calhar, humanamente, procura convencer-nos de que pretende apenas a defesa dos «principios»: ele defende são os fins... O que lhe interessa, na realidade, e aqui entre nós, é que vamos todos a par ou, se possível ele um bocadinho adiante... Mas, é claro, a acusação aos «principios» é sempre muito útil. Por exemplo, quer-se atacar o chamado «novoromance»? Pois é envolvê-lo de suspeita, como fazia há dias um sujeito numa certa emissora. Torres, que é hábil, sabe que a acusações deste género não se pode responder, porque há sempre curiosos à nossa volta que vão aproveitar-se do que ouvirem. E mesmo por isso que os acusadores nos acusam: eles sabem que a gente não se pode defender à vontade. Os neo-realistas da fase paleolítica é com isso precisamente que se governam: como não podemos atacá-los para não despertarmos a atenção dos indiscretos, abusam deslealmente da nossa lealdade... Marotos. Porque se a gente vai na conversa e há um curioso que nos ouve e vai contar, o astuto acusador diz logo, repuxando o olho, que estamos a fazer o «jogo» do curioso. É a técnica deles que um Reval usou contra Lukacs — autor, aliás, que não é da minha especial simpatia. Já se esqueceram? Mas eu lembro-me! Disso e de mais alguma coisa... Um dia talvez a gente se entretinha a recordar o que já lá vai. Mas enfim — dir-se-á — seja como for só há salvação estético-humanista adentro da severa lei do neo-realismo.

Eu suponho que se o neo-realismo está morto como específica corrente literária (ou estética) pode não ter morrido o impulso para a recuperação da problemá-

tica do mundo de hoje — sem que eu pretenda, aliás, impor com isso do riso ou do engasgamento dos Torres, tenho-me posto de vez em quando a pensar no que é que separará o meu materialismo do daqueles que me recusam. E creio que descobri. Para me explicar, recorramos a um exemplo. Imaginemos assim que ao fugir ao ataque dos Torres, eu embato contra um muro e racho a cabeça. Como a coisa não é agradável, é provável que me queixe. Muito bem. Nessa altura, em face da minha lamúria, aproxima-se o materialista, põe-me a mão no ombro e, sorrindo de piedade, explica-me que o que me aconteceu é *fácilmente compreensível*. Deriva isso, com efeito, de que, sendo a cabeça menos resistente do que as pedras, a cabeça, embatendo contra as pedras, naturalmente cedeu um pouco e foi dessa cedência que ela rachou. Ai está! — e o nosso homem dá-me uma palmada fraterna e encorajante no ombro. Sem dúvida que isto é claro, é nítido, só mesmo um camelo é que não vê que é assim. Mas eis que a certa altura eu, que já estava a gostar da conversa, reparo que arinal, e apesar das explicações, a cabeça *ainda me dói*. E toda a minha desgraça está aí. Aqui pois nos separamos: eu acredito na dor de cabeça que realmente me incomoda; o outro, o ortodoxo, diz que isto é irracionalismo burguês, porque a dor de cabeça não tem nada que me doer, visto ser um produto explicável da cambalhota que dei. E quando não há cambalhota para explicar a dor de cabeça, tal dor não existe e toda a minha lamúria é uma aberração metafísica, filha ainda do irracionalismo burguês e da boa vida que levo. E pronto.

O mercado internacional está abastecido de Ideologias variadas — embora não muito variadas. Como não tenho espírito criador, sobretudo em matérias tão transcendentes, decido-me naturalmente pelo ecletismo. Mas normalmente tais Ideologias não vão nisso. Como um Supermercado, têm tudo o que julgam ser-nos preciso, mas impõem que nada vamos comprar ao Supermercado vizinho. A gente entra numa Ideologia e manda aviar um pouco de Economia, que tem boa reputação; logo porém o funcionário nos avisa, com um sorriso técnico, que não pode fornecer-nos Economia sem aviar também uma certa porção de Polícia Política — tão necessária, não é assim? Vai então a gente pede que, em vistas disso, nos pese um pouco de Justiça Social; mas o funcionário, com o sorriso ainda por fechar, logo nos informa de que, para nos abastecer de um pouco de Justiça, tem de nos vender também uma dosezinha de Campos de Concreção — muito úteis, não é verdade? A gente horroriza-se e pede, já a medo, um pouco de Liberdade; mas logo o merceiro lembra que para isso — não é assim? — temos evidentemente de adquirir também a defesa da Liberdade, ou seja a Ditadura. Para não sairmos de mãos vazias, pede a gente nesse caso um bocado de Humanismo — que é artigo à venda, e pelo preço da chuva, em todas as tendas, mas logo o homenzinho, e de afogadilho, nos lembra que para isso só há o processo de gramar uma certa arte, uma certa literatura, uma certa música, um certo cinema, uma certa filosofia. E daí que não se sai: ou tudo ou nada. É claro que toda esta facécia de mau gosto com as Ideologias, e os Supermercados, e o mais, se deve ao facto exclusivo de eu ter evidentemente... uma mentalidade antimaterialista. Bom.

Por muito que Torres se engasgue com a minha declaração, a verdade é que eu estou sinceramente convencido de que sou «materialista». Eu sei que Torres, se se não engasga, vai pelo menos reventar à gargalhada. Que fazer?

Por hilariante que seja, é a convicção que tenho. Ora bem, em face do riso ou do engasgamento dos Torres, tenho-me posto de vez em quando a pensar no que é que separará o meu materialismo do daqueles que me recusam. E creio que descobri. Para me explicar, recorramos a um exemplo. Imaginemos assim que ao fugir ao ataque dos Torres, eu embato contra um muro e racho a cabeça. Como a coisa não é agradável, é provável que me queixe. Muito bem. Nessa altura, em face da minha lamúria, aproxima-se o materialista, põe-me a mão no ombro e, sorrindo de piedade, explica-me que o que me aconteceu é *fácilmente compreensível*. Deriva isso, com efeito, de que, sendo a cabeça menos resistente do que as pedras, a cabeça, embatendo contra as pedras, naturalmente cedeu um pouco e foi dessa cedência que ela rachou. Ai está! — e o nosso homem dá-me uma palmada fraterna e encorajante no ombro. Sem dúvida que isto é claro, é nítido, só mesmo um camelo é que não vê que é assim. Mas eis que a certa altura eu, que já estava a gostar da conversa, reparo que arinal, e apesar das explicações, a cabeça *ainda me dói*. E toda a minha desgraça está aí. Aqui pois nos separamos: eu acredito na dor de cabeça que realmente me incomoda; o outro, o ortodoxo, diz que isto é irracionalismo burguês, porque a dor de cabeça não tem nada que me doer, visto ser um produto explicável da cambalhota que dei. E quando não há cambalhota para explicar a dor de cabeça, tal dor não existe e toda a minha lamúria é uma aberração metafísica, filha ainda do irracionalismo burguês e da boa vida que levo. E pronto.

Ora eu não tenho prevenções contra as «explicações» que se quiserem. Mas há um facto a que as «explicações» não ajudam e é que *me dói a cabeça*. E se em vez de explicações me dessem uma aspirina? Mas eles não a têm...

No entanto, e em referência ao combate aos meus escritos, uma questão ainda me perturba. Eu já não sou novo, como espertamente me vai insinuando o Torres pers-

pleaz. E como não sou novo, já me recordo dos tempos em que fazer pintura abstracta era pouco recomendável. Mas eis que tal pintor, vultosa figura da pintura «figurativa» se mete corajosamente a abstracto ou abstractizante. E aí temos nós certo sujeito a espremer os miolos para definir éticamente o que era permitido a tal pintura heterodoxa e o que não é permitido à minha heterodoxia. A música «incomunicável» estava estabelecido que fosse duramente atacada, como Pinheiro, que é novo, deve saber talvez do seu avô; mas como a «comunicável» era entre nós a do sr. Rui Coelho, também os músicos puderam trabalhar, para vantagem de nós todos, sem condenação ao inferno. Na poesia neo-realista houve quem pudesse queixar-se das suas obras privativas — e ainda bem — sem que os fiscais da pureza de costumes se escandalizassem muito com isso. Outros houve que puderam cultivar a expressão «difícil» em sossego — e bom foi isso também. Mas eis aí tal romance macambúzio e puxado à «complicação», tão pouco própria para consumo geral. E aí é que é malhar. Será isto justo?

Com franqueza: porque é que certos senhores, em vez de se entreterem com o tiro ao alvo, não fazem antes um exame de consciência? Já se pensou que um Lukacs, no celebrado *Realismo crítico*, exceptuado o Thomas Mann da moralidade da fábula, só verdadeiramente elogia os escritores que... condena?

Após o que me retiro definitivamente, por mais que a cavaqueira, reposto enfim Pinheiro na ordem, esteja realmente de apetecer. Mas tenho de ir indo. E se outros viessem aqui dizer de sua justiça, em vez de resmoncarem rabujentos pelos cafés? Mesmo não se dizendo tudo, como somos todos bons entendedores... não acha Torres que temos enfim direito a estar um pouco fartos de manobras surdas para a defesa do ripanço? Ora pois: *acaso, para se ser progressista, é necessário ser-se neo-realista*? Terão os neo-realistas o monopólio da justiça, da verdade, do progresso? Estarão todos os outros feitos com as forças do Mal? E a propósito: qual a grande obra de arte já realizada pelas forças do Bem? Digo «grande»! E que nós temos estado a falar de arte — não sei se Torres reparou. E, é de arte que estamos a falar — não é do Código das Estradas.

VERGÍLIO FERREIRA

(1) K. Marx.

PARA UMA PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO COM A VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA ESPANHOLA  
COMPRE MENSALMENTE A REVISTA CULTURAL

## AULAS

A venda nas principais livrarias e tabacarias ao preço de 10\$00

DISTRIBUIDORA EM PORTUGAL:

**EDITORA LUX, LDA.**

R. Francisco Sanches, 8 — Tel. 4 86 15 — LISBOA